

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**MEMORIAL**

Renata Aliaga

Campinas  
2012

*“Quem quer que argumente que o conhecimento é socialmente situado certamente vê-se obrigado a situar-se a si mesmo” Peter Burke*

1.

Sempre tento justificar pra mim mesma (e algumas vezes também para os outros) quais formam os caminhos (e as escolhas) que me trouxeram até aqui. Em que momento deixei de lado a ideia fixa de cursar jornalismo, que estive comigo durante quase toda a vida, para me tornar professora. Seria minha paixão sem medida pelos livros? Ou talvez um desejo quase oculto de fazer algo por uma educação /um mundo mais justo. Ou a prepotência de querer levar aos outros uma paixão que é minha. Não sei... Não tenho lembranças nem justificadas seguras para o momento exato em que decidi querer ser professora.

Poucas são também as lembranças do início da minha escolarização. Talvez nunca tenha dado a devida atenção a elas, que me vêm sempre distantes e fragmentadas. Minha mãe conta que eu queria muito ir para a escola e a insistência era tanta que, quando tinha três anos, ela me matriculou numa escola particular de educação infantil. Meus avós e tios eram contra, não era tão comum naquela época que crianças cujas mães não trabalhavam frequentassem a escola. Meus presentes eram sempre caderno, mochila, lancheira e afins. Meu castigo quando desobedecia era ficar sem ir pra escola.

Aos sete anos, fui para uma escola estadual que ficava muito próxima de minha casa. Tia Isaura, minha primeira professora do primário, era uma figura impar, uma senhora de vestimentas impecáveis e cheiro inconfundível. Quanto a mim, era boa aluna, daquelas bonitinhas e bem penteadas que sentavam nas primeiras carteiras. Minha mãe cuidava para que os cadernos estivessem sempre encapados e sem orelhas, lápis de cor e de escrever apontados e estojo limpo. Tia Isaura costumava me levar para a diretoria e sala dos professores, onde exibia com orgulho meus textos, chamavam composição, se não me engano. Contava neles histórias que via nos desenhos na TV. Às

vezes mudava alguma coisa. As crianças percebiam. A professora dizia que o importante é que eu sabia escrever bem. Talvez fosse mesmo. Quem sabe tenha sido a Tia Isaura a primeira a me fazer crer que poderia ser escritora de livros. Era isso que queria ser quando crescesse.

Tinha também um livro que gosta de ler, e lia tantas vezes que o decorei quase todo. Eu e Gabi brincávamos com ele. Eu lia uma parte, ela lia outra. Fazia rima e era muito engraçado. Só anos depois, quando já era professora, é que fui descobrir qual era o tal livro: A Arca de Noé, de Vinícius de Moraes.

A maior parte das lembranças de minha infância remetem à coletividade. Aos domingos, a família italiana se reunia para o barulhento e animado almoço. Éramos tantos que não conseguia e nem tinha a pretensão de contar. Tudo parecia harmoniosamente em seu lugar. Havia o lugar dos homens, das mulheres, das crianças, dos adolescentes, dos namorados e havia o lugar único de minha bisavó, e o lugar ainda mais único de sua cunhada, a Tia Nefa. Era ela uma italiana solteirona, que em seus quase 90 anos não se cansava de implicar com as crianças. E quantas crianças. Eu, menina e pequena no meio de tantos e tantos primos. Dá pra imaginar: sempre café com leite. Impossível pra mim não lembrar desses anos com muito saudosismo.

Na escola, após encerrar o Ciclo Básico e com muito sentimento me despedir da Tia Isaura (que se aposentou justamente naquele ano), passei por um 3º ano um tanto conturbado. A professora da sala afastou-se por motivos de saúde e durante todo o ano passamos por substituições e mais substituições. Foi nesse ano que aprendi jogar “escravos de Jô”, e essa é uma das lembranças mais felizes que tenho desse período.

O ano seguinte foi também muito especial. Passamos a adotar o livro ALP e aquilo me parecia um luxo. Um livro meu, onde poderia escrever e pintar como quisesse. Eu caprichava muito nas minhas pinturas, contornava com canetinha colorida

e colava figurinhas *Amar é...* que ganhava das professoras na escola. Adorava os textos: A velha contrabandista; Stof Poc; Alô... tantos textos... e tão divertidos!

Foi na quarta série que fiz minhas primeiras pesquisas escolares. O dia de fazer pesquisa na biblioteca era sempre muito importante. Vestia roupa nova e ia encontrar com minhas amigas em frente à escola. Íamos sozinhas até a biblioteca municipal que ficava no centro da cidade. As escadarias de madeira levavam até o salão de paredes e estantes altas. Lá, uma prestativa senhora nos ajudava. Sempre encontrávamos aquilo que precisávamos. Então, copiávamos o conteúdo num caderno para depois em casa montar o trabalho com capa de cartolina, canetas coloridas e letra bem caprichada. Na volta pra casa, passávamos na sorveteria para tomar um sorvete. Era sempre muito divertido. Nem imaginava que essas amigas que durariam a vida toda.

Recentemente encontrei minha professora da 4ª série, D. Ana Maria. Ela é a mesma, passados 17 anos. Meu carinho por ela também.

No ano seguinte, as escolas da rede estadual foram separadas por níveis de ensino. Algumas escolas atenderiam somente o ensino primário, outras o ginásio e outras o colegial. A escola onde estudava passou a ser uma escola de ensino primário, e todos os alunos da quinta série em diante seriam transferidos para escolas no centro da cidade. A mudança não aconteceu muito pacificamente. A maioria dos pais não concordava que os filhos saíssem do bairro onde moravam para ir estudar no centro. A prefeitura ofereceu transporte e se comprometeu a construir uma escola no bairro para atender o ginásio. Promessa cumprida, antes tarde do que nunca: a escola começou a ser construída no final do ano passado.

Passei então a estudar na Escola Estadual Coronel Venâncio, que estava prestes a completar 100 anos. O prédio, tombado pelo patrimônio histórico, era magnífico. Preservava as características físicas da educação do começo do século XIX: pias para

água benta na porta de entrada, janelas enormes, escadarias e o piso de madeira e faziam tec tec quando as professoras andavam. O prédio era dividido em dois lados idênticos, um para a educação das meninas e outro para a dos meninos.

Mudar para uma escola tão grande e com tantos alunos foi algo que me deixou bastante insegura. A partir daquele ano, a escola receberia alunos de todas as partes da cidade, e essa era uma das principais preocupações dos pais. Não sem motivos.

A escola tornou-se um lugar um tanto violento. As brigas entre gangues na hora da saída aconteciam quase todos os dias. As pichações e a depredação do prédio também eram frequentes. E foi assim durante dois anos. No início da sétima série, recebemos a notícia que todos os alunos que causavam problemas haviam sido expulsos, e que assim seria com todos aqueles que impedissem o bom andamento da escola. Não sei exatamente o que aconteceu com eles, se foram de fato expulsos ou apenas transferidos para outras escolas. Mas o fato é que as coisas realmente mudaram. O clima na escola era outro.

E foi nessa escola que descobri o quanto gostava de ler... Todas as terças feiras, na última aula, a D. Celeste, professora de Português, dava aula de leitura. Na verdade, ela não dava aula nenhuma, mas deixava disponível na sala de aula uma porção de livros e a sala toda ficava em silêncio para que pudéssemos ler. A princípio, ler parecia uma coisa careta ou ‘cult’ demais. Alguns alunos dormiam, outros folheavam, trocavam de livros várias vezes na aula, mas eu lia. E gostava. Meu primeiro livro das aulas de leitura foi “A marca de uma lágrima” de Pedro Bandeira. Pra ser sincera, não tinha achado tão legal assim, mas minhas amigas diziam: “É lindo!” e eu confirmava “ É muito lindo mesmo!”. Acho que na verdade não era tão romântica como elas. O que gostei mesmo foi ‘O Médico e o Monstro’. E gostei tanto que pedi pra D. Celeste me emprestar. No final de semana, viajei pra praia com meus pais. Achava um saco ficar

fazendo programa de criancinhas com eles e meus irmãos. Então, pegava meu livro e ia pro quarto, me sentindo super adulta e ‘cult’ na minha leitura.

Foi numa dessas aulas de leitura que a D. Celeste me pediu para ir, acompanhada de uma amiga até a biblioteca escolher os livros para deixar na sala. Ela nos deu a chave e nos mostrou o caminho. Quando abrimos a enorme porta de madeira de fechadura estranha, fiquei impressionada com o que vi: um salão enorme, com as estantes mais altas que já havia visto. Eram cheias de livros. Era uma biblioteca de verdade.

Nunca havia estado ali. Não sabia sequer que aquele lugar existia. E ficamos ali, sozinhas nem sei por quanto tempo, passeando pelas estantes, mexendo nos livros. Dessa primeira visita a biblioteca, levei o livro ‘Crônicas de uma morte anunciada’, e a Gabi (a mesma com quem lia Vinícius de Moraes na primeira série), levou ‘O caso dos dez negrinhos’ de Agatha Christie. Foi daí que surgiu nossa paixão pelos romances policiais de Agatha Christie. O desfecho dos crimes sempre me surpreendia. Fizemos então uma promessa de ler toda a obra da autora até o final do terceiro colegial. É claro que não cumprimos. Mas li todos os que consegui. Primeiro os da biblioteca da escola, depois os da biblioteca municipal, depois os da biblioteca da outra escola. Tinha até um caderno de desenhos onde desenhava os personagens das histórias. Sempre mulheres lindas com suas joias e chapéus. Escrevia embaixo o nome da personagem e o livro a que pertencia. Também quis ler nas aulas de leitura ‘Grandes sertões veredas’. Ficava no armário da professora, mas ela disse que esse era melhor não, eu não ia entender, era necessário que crescesse um pouco mais.

Pouco tempo depois, no início do ano seguinte, passei por uma certa “crise de identidade”. Não queria mais ser a melhor aluna, a CDF ou coisas do tipo. Resolvi que não queria prestar atenção nas aulas nem tirar boas notas. Assim foi. Dormia na sala,

parei de entregar as tarefas, não copiava as coisas da lousa. Durante uma prova de história, sabia responder corretamente todas as perguntas, mas não quis. Respondi apenas uma para não tirar zero. Foi meu primeiro D, e minha mãe foi chamada na escola. O diretor era muito amigo dela, haviam trabalhado juntos quando ela era solteira. Quis saber se estava acontecendo algo de diferente, se estava tudo bem em casa. De fato, não havia nada de diferente. É claro que não disse a ela o real motivo das notas baixas. Queria só ser como os outros despreocupada, desinteressada... Apesar de curtir um pouco meus dias de rebeldia, a fase logo passou, afinal, tinha pela frente meu primeiro grande desafio.

Na cidade onde moro, com exceção das escolas da periferia e dos colégios particulares, existem três grandes escolas de ensino médio (que nessa época ainda dizíamos colegial). A escola onde estudava era uma delas, mas tinha o colegial apenas no período noturno. A Escola Estadual Monsenhor Nora era uma escola muito tradicional na cidade. Havia sido escola padrão nos anos 80, mas infelizmente a situação era bem diferente. Muita violência, faltavam professores. Dizia-se que era impossível estudar lá. A terceira era a Etec Pedro Ferreira Alves, popularmente conhecida como Industrial. Destacava-se pela qualidade do Ensino e admitia anualmente apenas 80 alunos aprovados no vestibulinho.

Estudar no Industrial era, e ainda é, uma grande conquista para os adolescentes da cidade. As vagas são disputadas inclusive pelos alunos das escolas particulares. Ser aprovada no vestibulinho era a garantia de poder estudar em uma boa escola e passou a ser quase que uma obsessão durante meu último ano do ensino fundamental.

Estudava todos os dias. Durante as aulas, pedia ajuda aos professores nas questões que não conseguia resolver sozinha em casa. Foi nesse período que pude perceber a quantidade de bons professores que tinha e nunca havia dado conta. Mesmo

aqueles que durante as aulas apenas passavam matéria na lousa ou mandavam fazer cópias de livros, e que tanto crucificávamos, estiveram totalmente dispostos, a todo momento em que pedi ajuda. Eles me emprestavam livros, preparavam listas de exercícios, me davam dicas... Reconheço o quanto essa ajuda me foi preciosa.

Quanto mais o final do ano se aproximava, mais minha ansiedade ia aumentando. Nos dias anteriores a prova, estava mesmo angustiada. Tinha muito medo de ter que estudar numa escola ruim. Meus pais tentaram como puderam me acalmar, garantindo que se não fosse aprovada, pelo menos uma bolsa em uma escola particular haveria de conseguir. Uma tia, na época coordenadora de um colégio particular, garantiu que era possível. Ainda assim, não me aquietei até que saísse o resultado. Por fim, consegui ser aprovada com um excelente colocação. E o meu primeiro grande desafio foi também minha primeira grande conquista.

Os anos que se seguiram foram anos muito felizes.

A escola era mesmo um lugar bastante agradável. As instalações eram modernas, havia laboratórios de informática disponíveis aos alunos (a partir de 2001 passou também a ter internet), biblioteca aberta todos os dias, sala de vídeo, salas de aula com retroprojektor e TV. Os professores eram ótimos e todos muito dedicados. Conheciam todos os alunos pelo nome. As salas de aula eram espaçosas e limpas. Os móveis também eram novos. No período da manhã, havia seis turmas de ensino médio, a tarde e a noite eram muitas turmas (não sei exatamente quantas) de ensino técnico e cursos profissionalizantes. Minha turma era bastante heterogênea. Havia alunos de escolas públicas e particulares, da zona rural e até mesmo de outras cidades.

A partir do segundo ano, a preocupação com a leitura dos livros do vestibular passou a fazer parte das aulas de Língua Portuguesa. Foi quando fiz minha primeira prova de livro. A nota foi 9,8. Fiquei orgulhosíssima. A maioria dos meus colegas



achava um saco ler aqueles livros, fazer prova, resenha, apresentar seminário. Eu gostava. À noite, sentava na varanda e ficava lendo. Adorava. Li Inocência, Memória de um Sargento de Milícias, Dom Casmurro, Cortiço (esse foi o único que não gostei), Manuelzão e Miguilin, Primeiras Estórias, Amor de Perdição, Primo Basílio e tantos outros.

Durante todo o Ensino Médio (e até antes disso) tinha fixa a ideia de que queria ser jornalista. Sempre gostei de ler e escrever e meus professores diziam que eu o fazia bem. Via também como uma profissão que me permitiria ter um trabalho crítico, apontar coisas com as quais não concordava, ter uma postura ativa diante daquilo que não me agradava (durante a adolescência fui uma pessoa extremamente crítica, quase ranzinza). Escrevia pequenas críticas sobre coisas que aconteciam no meu dia a dia. Enviava para meus amigos, professores e para jornais os da cidade, mas tive apenas algumas delas publicadas no jornal da escola.

No ano de 2001, quando cursava o 2º ano do Ensino Médio, foi incluído no currículo das escolas do Centro Paula Souza uma disciplina chamada Projetos. A princípio tudo parecia muito confuso, não encontrei (ao escrever esse memorial) nenhuma ementa ou outro documento que deixasse claro os objetivos da disciplina ou sua razão de existir. O fato é que dedicávamos a essa disciplina um dia inteiro de aulas planejando e executando projetos que favorecessem a escola e a comunidade. Os alunos se reuniam em grupos de interesses comuns, organizavam o projeto sob orientação de um professor e o executavam com auxílio financeiro da escola e do município.

O primeiro grupo do qual fiz parte trabalhava no auxílio às mulheres que realizavam pré-natal nos postos de saúde. Em encontros semanais que aconteciam no próprio posto, tinha como objetivos discutir, auxiliar e esclarecer dúvidas referentes à saúde das mães e dos bebês durante a gravidez. Recebíamos também o apoio de uma

enfermeira, que selecionava os temas a serem debatidos e nos dava auxílio profissional durante os encontros.

Como boa futura jornalista que era, fiquei responsável, entre outras coisas, da produção de todo o material impresso referente ao projeto. O trabalho não foi muito longe e o grupo logo se desfez. Tentei entrar no grupo responsável pelo jornal da escola, mas não fui aceita.

Cheguei a prestar vestibular para quatro cursos diferentes: relações internacionais, jornalismo, pedagogia e letras. Consegui ser aprovada nas três últimas opções.

A essa altura, meu encantamento pelo jornalismo já tinha acabado. Na dúvida entre letras e pedagogia, escolhi a segunda opção. O que mais pesou na minha escolha foi sem dúvida a proximidade de minha casa. Diferentemente da maioria dos meus colegas (e de qualquer pessoa dessa idade) morar sozinha era algo que me incomodava. Não queria sair da casa dos meus pais, e eles também não tiveram a menor preocupação em me fazer mudar de ideia.

Agora, se tinha bem claro que essa escolha me faria professora, não sei. Meu pai achava aquilo o fim: um desperdício. “Você pode conseguir algo melhor. Poderia prestar engenharia. As mulheres engenheiras vão conseguir bons lugares no mercado de trabalho nos próximos anos”. Era o que ele dizia. Nem comemorou minhas aprovações.

Minha mãe não via problemas. Ela deixou a faculdade (ainda no primeiro ano) e o trabalho assim que ficou grávida. Apesar de nunca ter assumido com clareza, sei o sentimento que ela tem por conta disso. Ter uma filha cursando universidade pública já era um grande orgulho, independentemente do curso. Além disso, havia várias mulheres professoras em sua família: algumas com bons cargos públicos, uma diretora em um colégio particular da cidade, até uma fundadora de uma instituição educacional no

Japão. “Se tivesse feito pedagogia, estaria tão bem quanto elas” – era a resposta que dava a meu pai, sempre que ele decidia fazer discursos de implicância à minha escolha. “O importante é que você estude, não importa o que.” – ela dizia

Acredito que como grande parte dos aprovados no vestibular, tive dias de êxtase após a divulgação da lista de aprovados. Ir para a universidade era algo fabuloso, ainda mais para a Unicamp. Contava os dias no calendário, escolhia as roupas que iria usar, pensava nas pessoas que iria conhecer... Estava me sentindo a pessoa mais realizada do mundo.

Nos primeiros dias após a matrícula, participei do trote, das festas. Mas quando começaram as aulas, as coisas mudaram um pouco. Na verdade, era tudo bem diferente do que havia imaginado. Eu e minhas recém amigas Patrícia e Natali éramos as mais novas da turma. Certamente por ter escolhido um curso noturno, as mulheres da minha sala eram mais velhas, trabalhadoras, muitas já professoras e mães de família. Estranhei um pouco aquela convivência no começo. As leituras também eram muitas e me pareciam muito difíceis. Os trabalhos de avaliação então... um sofrimento. Durante todo o primeiro ano, oscilava entre o desejo de mudar para a turma da tarde e de desistir do curso. Minhas tias professoras me diziam pra ter paciência, que o primeiro ano era mesmo difícil, que eu precisava adaptar-me a essa nova fase. E elas tinham razão. Com o passar do tempo, tudo foi ficando mais leve: as disciplinas, as leituras, os trabalhos. Pelo contrário, comecei a achar muito interessante essa coisa da pesquisa, de olhar para a escola e a educação de uma maneira muito diferente daquela que tinha até então. Queria ler mais, conhecer mais trabalhos. Não sabia muito bem como, mas queria fazer parte disso também. A convivência com pessoas tão diferentes também não me causava mais estranhamento e passou a ser algo que eu gostava muito. Conversava, conhecia

histórias de vida tão diferentes da minha e isso era muito bom. A universidade se tornou algo tão positivo pra mim que sentia vontade de ficar ali a minha vida toda.

Meu primeiro contato com o grupo ALLE aconteceu no início de 2006, quando cursava o segundo ano do curso de graduação, através da disciplina Pesquisa Pedagógica, ministrada pela Prof.<sup>a</sup> Águeda Bittencourt. Essa disciplina, dentre outros objetivos, pretendia aproximar os alunos do universo da pesquisa, através do contato com os coordenadores dos grupos existentes da Faculdade de Educação. Os estudantes, divididos em grupos, ficariam responsáveis por entrar em contato com os coordenadores dos grupos de pesquisa, convidando-os a participar de uma conversa com os alunos de graduação, onde falariam a respeito de seu grupo de pesquisa, linha temática, trabalhos que vinham sendo realizados, possibilidades de participação dos alunos de graduação, etc.

Foi nessa ocasião que pude conhecer um pouco do trabalho do grupo ALLE, representado naquele momento pela Prof.<sup>a</sup> Lilian Lopes Martins da Silva.

O trabalho realizado pelo grupo parecia vir de encontro aos meus interesses pessoais sobre as questões de leitura. Quis então conversar com a professora Lilian, saber quais eram os caminhos para que pudesse fazer parte do grupo. Sabia que os estudantes de graduação poderiam ingressar na pesquisa através de trabalho de iniciação científica (confesso que não sabia exatamente o que era isso), mas foi com essa justificativa que busquei uma primeira conversa. A princípio, pensei que conversar sobre pesquisa com um professor da Unicamp fosse algo com muita formalidade, quase um ritual, mas me enganei. A Prof.<sup>a</sup> Lilian era (e ainda é) extremamente gentil, cuidadosa. Séria em seu trabalho, mas muito delicada no trato com as pessoas. Conversamos bastante, e ela me falou sobre a iniciação científica, da possibilidade de pedir bolsa, sobre vários projetos já existentes no grupo com os quais poderia colaborar.

Cheguei inclusive, numa segunda conversa, a conhecer a biblioteca do Prodecad, onde a professora Lilian coordenava um trabalho com os estagiários da licenciatura. Dentre as hipóteses possíveis, optamos por trabalhar com os Relatórios de Avaliação do Programa Bibliotecas Escolares da Rede Municipal de Campinas do ano de 1997. O trabalho, que a princípio configurou-se como uma pesquisa de iniciação científica e foi finalizado como Trabalho de conclusão de Curso, recebeu apoio financeiro do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ), órgão do qual fui bolsista através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) entre agosto/ 2006 a julho/2007.

O Programa Biblioteca Escolares foi uma política pública desenvolvida pela Secretaria Municipal de Educação de Campinas entre os anos de 1993 e 2002, que buscou oferecer melhores condições de instalação e funcionamento de bibliotecas escolares em todas as unidades educativas da rede, como também maior articulação e sustentação teórica e metodológica para os professores envolvidos no trabalho com esse trabalho. Em seus nove anos de existência, o programa produziu uma vasta e diversificada documentação, gerada tanto por sua coordenação e gestão como pelas escolas no cotidiano de suas bibliotecas. Parte dessa documentação diz respeito à avaliação do programa realizada no ano de 1997. A pesquisa buscava, portanto, olhar para esses relatórios de avaliação que, apesar de direcionado às autoridades responsáveis pelo programa, traziam indícios bastante interessantes sobre trabalho que vinha sendo realizado dentro das unidades escolares, as práticas e concepções de biblioteca e leitura dos professores responsáveis, as dificuldades na implementação do programa, ditas sempre nas entrelinhas, além de aspectos relativos à cultura das escolas em que essas bibliotecas estavam inseridas.

Esse foi pra mim um trabalho muito importante. Primeiro, por me colocar em contato com uma temática me interessou mesmo antes de ingressar na universidade, de unir aquilo que trazia comigo com a possibilidade de uma pesquisa acadêmica. Além disso, me permitiu dar os primeiros passos como pesquisadora, de entender como é o funcionamento desse universo que antes admirava de fora.

2.

Após concluir o curso de Graduação em Pedagogia, já no início de 2008, ingressei na rede municipal de Mogi Guaçu com o cargo de professora volante. Esse cargo, hoje extinto, era semelhante ao cargo de professor eventual: sua função era a de substituir os professores efetivos no caso de faltas ou licenças. A diferença é que o professor volante era contratado pela prefeitura pelo período de um ano letivo e caso não houvesse faltas ou licenças, ficava a disposição da secretaria municipal para outras atividades, como organização de eventos, colaboração em projetos especiais, etc. Encerrado esse período, poderia ou não ser recontratado, a critério da prefeitura municipal e de acordo com a disponibilidade de vagas.

Já no meu primeiro dia de trabalho, qual não foi minha surpresa ao receber a notícia de que assumiria uma sala de 5º ano, cuja professora havia entrado em licença maternidade no mês de fevereiro. Seria responsável por aquela turma durante todo o primeiro semestre. Sentia-me orgulhosa, mas também tomada por um quase desespero. Afinal agora era mesmo professora, e não sabia exatamente quer fazer com isso...

A escola atendia uma população muito carente na periferia da cidade. Nunca havia convivido com a pobreza tão de perto e aquilo me chocava muito. As histórias eram tantas, e tão angustiantes, que não cabiam dentro de mim. Sentia necessidade de escrever, e nesses escritos contava todas as situações que ouvia ou vivia na escola.

Muitas vezes saía da sala de aula para chorar escondida no banheiro. Justificava meus olhos vermelhos dizendo que estava gripada ou com alergia. Ao mesmo tempo, meu trabalho, minha posição como professora da sala me fazia sentir um grande compromisso. Afirmava dentro de mim que havia de cumprir dois objetivos naquele ano: o primeiro de fazer com que aqueles alunos tivessem uma vivência escolar positiva, e de outro, que esse tempo dispensado na escola lhes oferecesse algumas das ferramentas necessárias para uma vida mais digna.

Aproximá-los da leitura era um grande desafio e certamente minha principal preocupação. Dentre as tantas dificuldades que o trabalho me colocava, a essa dedicava uma atenção especial. Como aproximá-los dos livros, do universo da escrita, sem que isso se tornasse uma “exigência escolar”? Quais atitudes seriam necessárias para proporcionar um ambiente favorável à promoção da leitura na escola?

Não havia naquele momento nenhuma orientação específica por parte da Secretaria Municipal de Educação em relação à promoção da leitura nas escolas da rede, e no projeto pedagógico a única orientação que focava uma atividade específica de leitura referia-se à “leitura em voz alta pelo professor”, cujo objetivo contemplava a leitura de bons textos como forma de ampliação do horizonte cultural do aluno. O que havia era um esforço pessoal de muitos professores em incluir em sua rotina situações que acreditavam ser importantes para aproximar os alunos dos livros e da leitura.

Acabei tomando algumas decisões orientada pelos trabalhos que conheci através do meu contato com o grupo ALLE. Procurei num primeiro momento montar um “acervo” que ficasse a disposição da sala, e isso me levou a conhecer a sala de leitura. Era um espaço onde se guardavam os livros enviados à escola através de programas estaduais e federais de distribuição de livros e formação de acervos para bibliotecas escolares. Seu acervo era composto de livros de literatura, dicionários, gibis, revistas,

jornais, e outros, pouco organizados, porém bastante disponíveis aos professores que poderiam fazer retiradas e utilizar os materiais sem se preocupar com questões burocráticas: quantidade de livros, data de entrega, multa, etc.

Havia também uma biblioteca que funcionava no prédio da escola e atendia a comunidade. Estive lá poucas vezes durante o ano. A escola ocupava todo um quarteirão e a biblioteca ficava do lado oposto de onde eu trabalhava. Com o tempo sempre curto e um número incontável de fichas avaliativas para preencher, era quase impossível gastar uma horinha lá. Pude conversar algumas vezes com a responsável. Funcionária readaptada da prefeitura, porém muito disposta, falava da dificuldade na atualização do acervo, da falta de profissionais. *“Não dô conta não, tenho que fechar na hora do almoço porque não tem ninguém pra fica.”*- dizia. Acabei optando por utilizar a sala de leitura em razão das facilidades que ela me oferecia, além de horários mais flexíveis e pela proximidade com a sala de aula onde trabalhava.

Naquele momento a sala de leitura ainda não recebia os alunos, pois não estava suficientemente organizada para atendê-los. E foi nessa primeira visita que comecei minha busca por livros que “atraíssem” os alunos. Não foi difícil. A sala de leitura dispunha de bons títulos, revistas recentes, impressos visualmente bastante atraentes. Organizei o material em uma caixa, juntei quatro mesinhas ao fundo da sala, na tentativa de dispor de um “cantinho da leitura”. Ao terminar as atividades os alunos ficavam livres para ir até o local e explorar o material da maneira que quisessem. Aos poucos, e muito timidamente, começaram a surgir os pedidos de empréstimo. *“Professora, esse livro é seu?”*. *“Pode levar pra minha casa?”*. E cada vez mais, empréstimo foi virando rotina. Confesso que algumas vezes os livros não voltaram, ou voltavam pela metade, mas como não havia controle da utilização da sala de leitura e eu não precisava “prestar contas dos livros consumidos”, isso não representava um



problema. E nas conversas, foram surgindo comentários sobre as leituras, indicações, e o desejo de compartilhar, de “contar” aquilo que haviam lido. Muitas coisas puderam ser feitas a partir: mural de dicas de leitura, livros coletâneas de textos prediletos da turma, rodas de leitura de poemas, de contos, de notícias, etc. Tudo acontecia com uma leveza e com tamanho empenho da turma, que apesar do imenso cansaço, sentia-me verdadeiramente satisfeita.

A circulação dos impressos passou também a fazer o caminho contrário: além de levar os livros para casa, passaram também a trazê-los de casa para a escola. Eram livros didáticos, de autoajuda, religiosos, de piadas, alguns jornais populares ou da cidade, livros doados por projetos ou pessoas próximas, até mesmo um diário pessoal chamado “livro dos desejos” chegou até mim. Hoje sinto tanto por não ter me preocupado com a preservação daquele material, que trazia tantas pistas sobre as leituras daquela comunidade “não leitora”.

Foi no final do primeiro bimestre que recebemos da Secretaria Municipal de Educação as orientações para realização do Projeto Leitura de Poesias, trabalho que pretendia “preparar” os alunos dos 5ºanos para a realização da Olimpíada de Língua Portuguesa daquele ano. A realização desse projeto foi pra mim um período de muitas tensões, decepções e dissabores, mas também de aprendizado e crescimento.

Já no segundo período letivo, como não havia licenças nem faltas, fui selecionada, juntamente com outra professora volante - veja que surpresa - para organizar a sala de leitura e deixá-la receptiva aos alunos. Foi um trabalho braçal de catalogação, restauração e organização do acervo (eram muitos títulos) que durou quase três meses. Foi uma experiência que me permitiu dispor horas do meu dia em contato com livros, textos e autores até então desconhecidos. Foi bom, me sentia bem ali.

Somente no mês de novembro a sala de leitura foi reinaugurada, e os alunos tinham acesso a ela através de visitas semanais, acompanhados pelo professor, em horário pré-estabelecido. Infelizmente não pude acompanhar essas visitas, pois fui enviada à outra escola para substituir uma licença *prêmio* até o final do ano letivo.

No ano seguinte, continuei meu trabalho como professora volante na mesma unidade escolar, que havia passado por várias mudanças em razão da troca de direção, decorrente do novo quadro político do município. Aquele foi um ano muito instável, de reestruturação das escolas, do projeto político-pedagógico, do plano de carreira dos professores. Foram tantas mudanças que nós, professores, nos sentíamos perdidos a cada nova circular que chegava até a escola. Uma das mudanças mais significativas em relação ao currículo foi a implantação de um novo sistema de ensino, que fazia uso de livros apostilados. Todo o trabalho docente deveria seguir as orientações do material e havia pouco espaço, e tempo, para realização de qualquer outra atividade que não estivesse prevista no tal material. Bastava ao professor aplicar o já está pensado e seguir à risca as instruções ditadas pelo sistema de ensino. A justificativa: garantir a todos os alunos da rede uma base curricular comum.

As orientações em relação à leitura, quando existiam, eram (e continuam sendo) muito deficientes. Limitavam-se ao trabalho com os textos selecionados para compor o material apostilado, que apesar de bastante diversos em gêneros e autores, usam como suporte exclusivo o livro apostilado e funcionavam como pretexto para a aplicação de questionários interpretativos e exercícios gramaticais. Dá pra acreditar que uma empresa fundada sobre o discurso da inovação ofereça algo tão previsível? Pude perceber uma preocupação muito grande com a alfabetização, e a ausência de diretrizes claras e propostas coerentes em relação ao trabalho com a língua escrita.

A mudança de direção trouxe mudanças também na organização física da escola. Como se tudo tivesse que sair do lugar para receber a nova equipe gestora. E a sala de leitura, é claro, foi uma das escolhidas para ser desalojada. Os livros mais novos foram todos encaixotados para passar por uma nova catalogação, que pretendia um controle maior sobre os empréstimos, que ficariam, vejam só, a cargo da direção, fechados a chave numa outra sala. Os livros mais antigos ou que já tivessem algum desgaste foram todos doados aos professores para serem utilizados em sala de aula. O mesmo aconteceu com os livros didáticos. Como a escola receberia o material apostilado e precisava de espaço para armazená-los, todos os livros didáticos foram doados aos professores ou a quem quisesse levá-los.

Durante todo o ano de 2009 trabalhei nessa reestruturação pela qual a rede passou. Primeiro com os livros, depois com a distribuição dos uniformes, do material de apoio, etc. Substituí apenas pequenas faltas, não tive vínculo com nenhuma turma naquele ano.

Uma das mudanças que mais criou tensões entre os professores foi a extinção de alguns cargos docentes, como o de professor volante, por exemplo. Segundo a prefeitura, o cargo havia sido reprovado pelo TCU, uma vez que utilizava contratos temporários por tempo indeterminado. Ao final do ano letivo, todos os professores volantes seriam colocados em suas respectivas disciplinas como professores efetivos. Para muitos, o cargo era interessante, uma vez que possuía remuneração igual a dos demais professores, com muito menos responsabilidades, além a possibilidade de ficar fora da sala de aula.

Pra mim, foi um alívio. Não gostava mesmo de trabalhar como professora volante, ficava estressada a cada vez que assumia uma sala diferente por um ou dois dias. Então, na atribuição de 2010, consegui um 4º ano numa escola pequena, mais

próxima da minha casa. Estranhei muito no começo. A escola tinha apenas oito salas por período, bem diferente das 24 salas do CAIC. Era silenciosa, calma, achei a princípio que nem parecia uma escola. E quanto mais conhecia o trabalho da escola, mais gostava. A equipe gestora era competente e dedicada. Preocupava-se de fato com o bem estar dos alunos e dos docentes. Havia projetos referentes a questões ambientais, aproximação das famílias com a escola, prevenção do uso de drogas, preservação e limpeza do prédio, e tantos outros. Só não havia ainda nenhum projeto de leitura mais consistente. Pude por diversas vezes conversar com a direção sobre isso e era encorajada por elas a acreditar que o meu trabalho e a minha postura em sala de aula é que faria a diferença diante da impossibilidade de um projeto de leitura coletivo e contínuo.

A biblioteca era também pequena, mas bem organizada em um ambiente bastante receptivo. Além das estantes de livros baixas e acessíveis às crianças, possuía mesinhas coloridas para leitura individual ou em grupo, teatro de fantoches, videoteca, etc., em um ambiente claro e visualmente atrativo. Apesar disso, lhe faltava algo fundamental: um responsável. Não havia ninguém que pudesse dedicar seu trabalho exclusivamente para a biblioteca. Os alunos a frequentavam uma vez por semana, em companhia do professor da sala, podendo fazer empréstimos, se desejassem. Mas apesar da boa vontade da direção, o trabalho na biblioteca não era permanente. Por diversas vezes no decorrer do ano, serviu de depósito: para os materiais novos, uniformes, objetos de desfiles e exposições, móveis e tudo mais que não tivesse destino mais apropriado. Passava dias fechada, depois voltava a funcionar. Os professores muitas vezes resistiam em levar seus alunos, seja porque perdiam tempo de aula, seja pela bagunça que faziam. A sala da biblioteca era ao lado da sala da direção, fazer barulho ali não era uma boa ideia.

Minha preocupação com a promoção da leitura na escola permanecia. E não era uma preocupação exclusivamente minha, era algo sempre presente na fala dos professores, de todas as disciplinas. Quase um consenso de que os alunos não leem, não gostam de ler, não compreendem o que leem, não se interessam por nenhum tipo de leitura. Porque o que percebi nesses poucos anos de trabalho é que grande parte dos alunos se interessava sim pelos livros. E que essa aproximação, mesmo que tímida, acontecia quando eles tinham acesso ao livro e uma mediação positiva da leitura. A temática era muito presente também nos cursos de formação de professores, que me pareciam bastante repetitivos ao afirmar a necessidade de novas práticas, e que pouco modificavam o que realmente acontecia no espaço e no tempo da aula.

Permanecia também minha inquietude perante as bibliotecas escolares, espaço primordial para a promoção do livro e da leitura. Pelo menos em três sentidos. O primeiro deles em relação aos livros. Tantas caixas, tantos livros. Para onde iam? Porque continuam sendo negados aos alunos? O segundo em relação ao espaço e seu funcionamento. Porque não permanecem? Por que a existência e o funcionamento de bibliotecas escolares é ainda algo tão distante e sem importância no cotidiano das escolas apesar de tantas ações, investimentos, leis, cursos de formação, programas, etc., para garantir sua implantação e funcionamento. E principalmente em relação ao abismo que separa o discurso oficial das práticas pedagógicas.

3.

Indo para o trabalho numa manhã de segunda feira, perdi o controle da direção e bati o carro fortemente contra um poste. Com fraturas graves nas pernas, passei por algumas cirurgias e uma recuperação lenta e bastante delicada, que exigiu muito de mim e da minha família.

O tempo que permaneci em casa me fez pensar em uma porção de coisas que a agitação do trabalho não me permitia. Retomar o meu projeto de mestrado foi uma delas. Desde que me formei desejava ingressar no mestrado, mas os compromissos que acabei assumindo ocupavam todo o meu tempo e as minhas energias. Certo dia, lendo coisas na internet, deparei-me com uma reportagem que tratava da Lei nº 12.244/2012, que dispõe sobre a universalização das bibliotecas nas instituições e ensino do país.

Nos dias que se seguiram, passava horas na internet à procura de notícias, artigos, blogs e sites relacionados a essa temática, e pude perceber que a discussão em torno da leitura e da biblioteca assumia posição central dos debates culturais e educacionais. Percebi também que as minhas preocupações e inquietudes não estavam sozinhas, mas se uniam as de outros tantos personagens com questionamentos muito parecidos com os meus. Foi nessa oportunidade que comecei a redigir meu projeto de mestrado, nesse momento, ainda ligado ao Programa Bibliotecas Escolares e ao meu trabalho de conclusão de curso.

A aprovação no Mestrado trouxe a satisfação de mais uma conquista. Mas ainda não estava segura com meu projeto. Em minha primeira orientação com a Prof.<sup>a</sup> Lilian, conversamos um pouco mais sobre os motivos que me levaram a buscar uma pesquisa que abordasse a leitura em sua interface com a biblioteca. Nessa conversa, discutimos um pouco sobre significativo crescimento dos trabalhos científicos que abordam essa temática, como apontam as pesquisas de Ferreira (1999, 2001 e 2003); Martins (2005) e Penido (2010)<sup>1</sup>, todas realizadas no âmbito do Grupo de Pesquisa ALLE.

---

<sup>1</sup> Para o período de 1980 a 1995, Ferreira (1999) reuniu um conjunto de 189 resumos de teses e dissertações que tratavam da temática da leitura no Brasil. Entre 1995 e 2000, Martins (2005) já constata um aumento significativo nessas produções: 181 em apenas 5 anos. O crescimento expressivo da temática da leitura nas produções acadêmicas é confirmado por Penido (2010) com um total de 685 pesquisas defendidas no período de 2000 a 2005, um aumento de mais de 250% em relação ao período anterior.

Como alerta Ferreira (2003), a produção sobre leitura, além de numerosa, é bastante complexa, gerando uma malha de diferentes áreas e temas correlatos. Dentro desse conjunto, há uma quantidade considerável de trabalhos que abordam as práticas de leitura e seus espaços, em especial o espaço da biblioteca, ainda não quantificados ou sistematizados.

Foi nesse sentido que o projeto de pesquisa *‘Leitura e Biblioteca: o que nos apontam as dissertações e teses defendidas entre 2000-2010’?* começou a tomar forma, dando continuidade a meu envolvimento pessoal o este assunto, como também buscando ampliar o conhecimento dos trabalhos de pesquisa que abordam especificamente a leitura em sua relação com a biblioteca.

Essa pesquisa, hoje em andamento, também integra um conjunto de outros esforços que vem sendo realizados no Grupo de Pesquisa ‘Alfabetização, Leitura e Escrita’(ALLE). Tanto os trabalhos de Ferreira (1999, 2001 e 2003), Martins (2005) e Penido (2010), como o trabalho de Ribeiro (2011). Igualmente, dedica-se a um tema que já movimentou pesquisas anteriormente concluídas no grupo e que tomaram a biblioteca como fator importante para a formação dos leitores e para a investigação acadêmica. Bianchi (2003); Klébis (2006); Aliaga (2007) Bachiega (2008) Takamatsu(2011).